

— Temos um amigo que provavelmente se prestará à comédia — e assim só o nome dele aparecerá.

— Um homem?

— Naturalmente.

— Mas ela tem outro?

Mellors olhou para Constance estupefato.

— Não, não! gritou Constance. Uma velha amizade apenas, nada de amor.

— Então, como toma a coisa sobre seus ombros, se não tira nenhum proveito dela?

— É que há homens cavalheirescos que não pensam apenas em aproveitar-se das mulheres, disse Hilda.

— Mais uma pelotada. Mas quem é esse gajo?

— Um velho amigo que conhecemos desde a nossa infância na Escócia, um artista.

— Duncan Forbes! adivinhou Mellors imediatamente, pois já ouvira Constance mencionar essa amizade. E como vão fazer para que Forbes endosse a letra?

— É preciso que ele e Constance passem algum tempo juntos num hotel, ou que ela vá para a casa dele.

— Parece-me muito barulho para nada, disse Mellors.

— Terá por acaso algum outro a propor? disse Hilda. Se o seu nome aparecer, não conseguiremos o divórcio, nem dum lado nem do outro. Bem sabe como sua mulher é.

— Quanta coisa! murmurou Mellors com ar sombrio.

Calaram-se por instantes.

— Poderíamos muito simplesmente desaparecer, propôs ele.

— Não há desaparecimento possível para Constance, tornou Hilda. Clifford é muito conhecido.

Novo silêncio, pesado de impotência.

— O mundo é o que é. Se vocês querem viver juntos sem ser perseguidos têm que casar-se. Para que haja casamento é indispensável o divórcio de ambos. Sendo assim, que propõe?

Mellors calou-se. Depois:

— E que propõe você?

— Primeiro, ver se Duncan quer prestar-se ao papel, e depois conseguir de Clifford o resto. Entrementes, o seu divórcio de Bertha Coutts seguirá seus trâmites. E os dois ficarão separados até que estejam livres.

— Dir-se-ia uma casa de loucos.

— Talvez. Mas a vocês dois é que o mundo consideraria loucos — ou pior ainda.

— Criminosos, suponho. Pudessem eu servir-me do meu punhal, disse ele sorrindo e recaiu num silêncio irritado. Está bem, disse por fim. Consinto em tudo quanto querem. O mundo é louco e não posso destruí-lo. Vocês estão certas. Temos de agir da melhor maneira para sair do embarço.

Mellors olhou para Constance com humilhação, cólera e abatimento.

— Minha rapariga! O mundo vai pôr sal em teu rabo.

— Isso se eu deixasse!

Para Constance o mundo tinha menos importância do que para ele.

Duncan foi sondado, e antes de resolver quis um encontro com o guarda, num jantar em seu apartamento. Duncan era uma espécie de Hamlet, retaco, moreno, taciturno, de negros cabelos lisos e uma estranha vaidade de celta. Sua arte era toda tubos, válvulas, espirais e cores raras ultra-modernas, mas apresentadas com certa força, certa pureza de forma e tom; Mellors, entretanto, achou aquilo simplesmente repugnante. Mas não ousava dizê-lo, tamanha era a loucura de Duncan por sua arte: um culto pessoal, uma religião.

Estavam ambos vendo as pinturas no estúdio. Duncan com os olhos em Mellors, ansioso por ouvir as impressões dum guarda-caça. As opiniões de Constance e Hilda já ele as conhecia.

— Isto parece um massacre, disse por fim Mellors, desnortando o pintor com o imprevisível da apreciação.

— Massacre de quem? interpelou Hilda com frieza.

— Da minha pessoa. Todas as minhas tripas se sentem massacradas.

Um bafo de puro ódio emanou do artista. Nas palavras de Mellors sentira a nota da antipatia e do desprezo.

Mellors conservava-se de pé, esbelto e fino, o ar fatigado, olhando para as pinturas com alheamento.